

CONVERSA COM
GUSTAVO JESUS
SOBRE O LIVRO
**“INVESTIMENTOS:
O GUIA DOS CÉTICOS”**
FGV EDITORA



INVESTIMENTOS

O GUIA DOS CÉTICOS

Paulo Tenani ▪ Denise Menconi ▪ Mohamed Mourabet

Marcel Borelli ▪ Gustavo Jesus

 FGV EDITORA



Conversa com Gustavo Jesus sobre o livro “Investimentos: O Guia dos Céticos”, de autoria de Paulo Tenani, Denise Menconi, Mohamed Mourabet , Marcel Borelli e Gustavo Jesus. FGV Editora, 224 páginas, ISBN 9786556522685. Março de 2024.

1) (FGV INVEST): Qual foram as suas motivações para escrever o GUIA?

(Gustavo Jesus) Após décadas trabalhando com investidores pessoa física, concluí que a relação das pessoas com seus investimentos geralmente é ruim e pouco saudável, com uma série de decepções e arrependimentos. E isso se deve, em grande parte, à falta de conhecimento dos investidores acerca do que é possível ou não ser atingido com seus investimentos. Todos os investidores buscam um portfólio com retornos extraordinários e sem risco, sem oscilações de valor no tempo, sem meses de retornos negativos. Mas isso não existe. E é aí que começam a aparecer os problemas. Às vezes é mais fácil vender uma história de ganhos fáceis e de gênios financeiros que vão nos salvar do que explicar as dificuldades inerentes do universo de investimentos e a partir daí buscar o melhor portfólio possível para o investidor.

2) (FGV INVEST): Porque o nome “Investimentos: O Guia dos Céticos”?

(Gustavo Jesus) O nome se deve à trajetória profissional dos autores, que após décadas de experiência no mercado financeiro se tornaram céticos em relação ao imaginário geral da maior parte dos investidores e profissionais desta área que dedicam demasiados tempo e energia no posicionamento tático de curto prazo, colocando muitas fichas na sua capacidade de se antecipar a determinado movimento de mercado, e dedicam pouco ou nenhum tempo à construção de um portfólio bem estruturado e, principalmente, a explicar ao cliente as limitações intrínsecas de fazer um bom portfólio de investimentos.

3) (FGV INVEST): Existem inúmeros livros de Finanças no mercado? Por que mais um?

(Gustavo Jesus) Há de fato muitos livros de finanças no mercado, o que é bom. Mas estes livros geralmente ou são muito técnicos ou são muito focados em aspectos específicos de investimentos e do mercado financeiro.

Lidando com clientes pessoa física por muitos anos, nós aprendemos as principais dúvidas e conceitos incorretos que eles tinham e que os levavam a um portfólio de investimentos inadequado. Então, o livro foi feito para tentar fechar esta lacuna, com uma abordagem que busca ser simples e prática, discutindo conceitos importantes e erros comuns no universo de investimentos.

4) (FGV INVEST): Se você pudesse recomendar apenas dois dos vários conceitos discutidos no livro para um investidor, quais seriam?

(Gustavo Jesus) Um dos conceitos mais importantes do livro é o de como construir um portfólio. Normalmente os portfólios de investimentos são uma colcha de retalhos resultante dos vários produtos financeiros que vão sendo comprados ao

longo do tempo, ofertados por assessores e gerentes de bancos muitas vezes priorizando a própria remuneração ou o atingimento de metas impostas pela instituição onde trabalham, em detrimento dos interesses dos clientes.

O resultado é um portfólio que não tem relação alguma com os objetivos e as necessidades do investidor. E mesmo quando o portfólio total é considerado, os investidores são direcionados para portfólios padrão, pré-definidos, sem personalização para a realidade individual de cada investidor nem acompanhamento de como a situação financeira evolui ao longo do tempo.

Outro conceito importante é o de que volatilidade e risco não são a mesma coisa. O brasileiro investe majoritariamente em ativos sem volatilidade, como poupança, CDBs e fundos DI, buscando fugir de riscos. Mas estes ativos, embora sejam ótimos para fazer frente a necessidades de gastos de curto prazo, têm o risco de gerar um retorno insuficiente para os objetivos de longo prazo do cliente. Em nenhum outro lugar do mundo investidores buscam obter riqueza com investimentos de caixa, como chamamos estes investimentos de curtíssimo prazo. No Brasil, por muitos anos isso foi possível pelo ambiente de juros muito altos. Mas não se pode apostar todas as fichas que no futuro esta realidade vai permanecer.

5) (FGV INVEST): Quais capítulos do livro são os seus preferidos?

(Gustavo Jesus) Gosto muito dos capítulos que tratam as questões que listei acima (3, 7, 8 e 9).

Também gosto do capítulo 12, sobre investimento em ações, que é ainda uma classe de ativos muito malvista e pouco utilizada pelo investidor brasileiro médio. E muito por focar demasiadamente na oscilação de curto prazo das ações e menos no prêmio que está lá para o investidor paciente de longo prazo. Nos países desenvolvidos, é em ações que as famílias alocam a maior parte do capital de longo prazo, seja para a faculdade dos filhos ou para a aposentadoria.

6) (FGV INVEST): Quais as principais diferenças entre o ambiente de investimentos do Brasil e do mundo?

(Gustavo Jesus) Ao longo dos anos o ambiente de investimentos no Brasil evoluiu bastante, com a democratização do acesso a inúmeros produtos financeiros antes só disponíveis aos ultra-ricos, como investimentos direto em títulos públicos (Tesouro Direto), ações, ETFs (exchange tradable funds - fundos negociados em bolsa) e investimentos alternativos como Private Equity e Venture Capital. Mas ainda há um longo caminho a ser trilhado na evolução da forma como os brasileiros investem.

Dentre os investidores de varejo, há a inexplicável predominância do investimento em poupança, que atingiu há poucos anos o volume de 1 trilhão de reais e tem

retorno inferior a investimentos de mesmo risco e bastante acessíveis, como Tesouro Direto, fundos DI ou CDBs.

Para os investidores de alta renda também temos diferenças importantes ao que é praticado em países desenvolvidos. Muitos destes brasileiros só investem no próprio país, o que não ocorre nem com os americanos de alta renda, que apesar de viver num país com o mercado financeiro mais pujante e cheio de alternativas do mundo, têm a cultura de investir em outras regiões e em diversas outras classes de ativos que normalmente não acessamos por aqui. Também há uma predominância em investimentos de curtíssimo prazo e pouco sofisticados. Isso, em certa medida, tem dado certo até hoje porque o Brasil sempre praticou taxas de juros muito mais altas que outros países. Mas tenho dúvidas que podemos projetar este mesmo cenário para o futuro.

7) (FGV INVEST): Quais os principais conselhos que você daria para um investidor?

(Gustavo Jesus) Antes de mais nada, busque se informar a partir de fontes confiáveis. Hoje em dia há muita informação disponível, mas muito do que se vê por aí é mais apropriado para investidores que olham o mercado financeiro como o objetivo de especular no curto prazo ao invés de buscar riqueza de longo prazo. E, em segundo lugar, não menos importante, caso você interaja com um profissional de investimentos, entenda bem quais são os incentivos financeiros que ele tem, como é remunerado, se há conflitos de interesse e se ele ou a empresa têm condições de construir um bom portfólio que atenda de forma satisfatória às suas necessidades específicas.